

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, JORNALISMO E SERVIÇO SOCIAL
CURSO DE JORNALISMO

Ingrid Mitsue Yasumoto
Jasmine Jacyara Gonçalves

**Re(a)presentação:
Uma perspectiva da Casa do Beco**

Produto jornalístico

Mariana
2017

Ingrid Mitsue Yasumoto
Jasmine Jacyara Gonçalves

**Re(a)presentação:
Uma perspectiva da Casa do Beco**

Memorial descritivo de produto jornalístico apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof. Julia Lery
Coorientador: Anderson Medeiros

Mariana
2017

G635r Gonçalves, Jasmine.
Re(a)apresentação [manuscrito]: uma perspectiva da Casa do Beco / Jasmine Gonçalves. - 2018.

55f.: Acompanha um documentário: Re(a)apresentação.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Julia Iery.
Coorientador: Prof. Dr. Anderson Medeiros.

Monografia (Graduação). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Departamento de Ciências Sociais, Jornalismo e Serviço Social.

1. Representação teatral - Teses. 2. Identidade social - Belo Horizonte (MG) - Teses. 3. Preconceitos - Belo Horizonte (MG) - Teses. 4. Favelas - Teses. 5. Yasumoto, Ingrid. I. Iery, Julia. II. Medeiros, Anderson. III. Universidade Federal de Ouro Preto. IV. Título.

Catálogo: ficha.sisbin@ufop.edu.br (5.1)


Ingrid Mitsue Yasumoto
Jasmine Jacyara Gonçalves

Curso de Jornalismo – UFOP

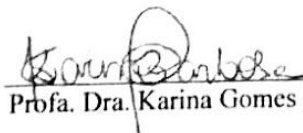
Re(A)presentação:
uma perspectiva da Casa do Beco

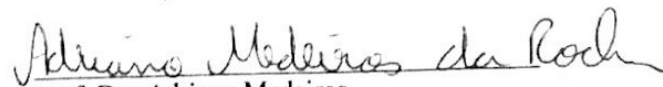
Trabalho apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas (ICSA) da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob orientação do/a Profa. Me. Julia Lery Miranda

Banca Examinadora:


Prof. Me. Julia Lery Miranda (Orientadora)


Prof. Anderson Medeiros (Coorientador)


Prof. Dra. Karina Gomes Barbosa


Prof. Dr. Adriano Medeiros

Mariana, 14 de dezembro de 2018.

AGRADECIMENTOS

Aos nossos familiares e amigos, pelo apoio incondicional.

Aos moradores do Morro do Papagaio e a Casa do Beco, por permitir que contássemos as suas histórias e fizéssemos parte delas.

À Universidade Federal de Ouro Preto, ao curso de jornalismo, à professora Julia Lery e ao técnico Anderson Medeiros, por dar subsídio ao nosso sonho e acreditar no nosso trabalho.

À todos que estiveram conosco durante a graduação.

Gratidão!

RESUMO

Este memorial foi desenvolvido simultaneamente com a produção do documentário *Re(a)apresentação*, que traz a perspectiva das documentaristas a respeito de como os habitantes do aglomerado Morro do Papagaio - Belo Horizonte (MG) - Brasil se representam através dos trabalhos desenvolvidas na Casa do Beco, espaço artístico-cultural da comunidade.

Nosso enfoque está no teatro, uma das principais atividades oferecidas pela Casa. Baseado nele, procuramos entender, através do aporte teórico, como o morador de favela se representa perante os estigmas que enfrentam (JODELET, 1989), (GOFFMAN, 1985), (HALL, 2016). Também aspiramos a compreensão de como essa representação se constrói a partir das identidades (WOODWARD, 2011), (HALL, 2016). Assim, construímos a montagem fílmica e o memorial fundamentados nas dificuldades de quem vive no Morro (GUTFREIND, 2006), (LINS, MESQUITA, 2008), (SOUZA, 2014), (LIBÂNIO, 2008).

O nome *Re(a)apresentação* foi baseado na forma em que a representação ocorre na Casa do Beco e em como fizemos o documentário: rerepresentando as histórias dos participantes. Dessa forma, aspiramos mostrar como os relatos de vida dos personagens podem ser identificados no palco e quais impactos eles produzem na sociedade.

Palavras-chave:

Representação; identidade; estereótipo; favela; Casa do Beco; teatro.

ABSTRACT

This memorial was developed simultaneously with the production of the documentary *Re(a)apresentação*, which brings the perspective of the documentarists as to how the inhabitants of the Morro do Papagaio cluster - Belo Horizonte (MG) - Brazil represent themselves through the works developed in the Casa do Beco, artistic space of the community.

Our focus is on the theater, one of the main activities offered by the Casa.

Based on it, we try to understand, through the theoretical contribution, how the favela dwellers represent themselves before the stigmas they face (JODELET, 1989), (GOFFMAN, 1985), (HALL, 2016). We also aspire to understand how this representation is constructed from identities (WOODWARD, 2011), (HALL, 2016). Thus, we constructed the filmmaking and the memorial based on the difficulties of those who live in the Morro (GUTFREIND, 2006), (LINS, MESQUITA, 2008), (SOUZA, 2014), (LIB NIO, 2008).

The name *Re(a)apresentação* was based on the way in which the representation takes place in Casa do Beco and on how we did the documentary: re-presenting the participants' stories. In this way, we aspire to show how the characters' life stories can be identified on the stage and what impacts they produce in society.

Key words:

Representation; identity; stereotype; favela; Casa do Beco; theater.

SUMÁRIO

Introdução	8
1 Entendendo a construção de identidade	9
2 Representação	12
3 Vida em comunidade	16
4 Re(a)presentação	18
4.1 Etapas de produção	19
4.1.1 Pré-produção	20
4.1.2 Gravação	21
4.1.3 Pós-produção	24
4.2 Sobre o produto	27
4.3 Descrição e metodologia	28
5 Considerações finais	32
6 Referências Bibliográficas	33
7 Apêndices	35
7.1 Projeto	35
7.2 Argumento	35
7.3 Marcações, briefing e sugestões de perguntas	36

INTRODUÇÃO

Neste memorial, apresentaremos o aporte teórico do documentário, assim como nossos questionamentos, discussões e apêndices da pesquisa. Aqui buscamos identificar as diferentes formas de representação que ocorrem na Casa do Beco, espaço, no Morro do Papagaio, onde a comunidade se expressa através de atividades artísticas gratuitas, como dança, teatro e oficinas. Estudamos essas expressões através das fachadas representadas por personagens em peças teatrais, do combate aos estereótipos criados para rotular o morador de favela e da relação entre sujeito e objeto.

O memorial procura sustentar a tese de que a Casa é um local de construção de identidade, a partir da diferença e da relação com conhecimentos pré-adquiridos, também aspira identificar de que forma o espaço é um lugar de representação através do teatro. Além disso, procuramos entender os aspectos da vida em comunidade e como os estigmas do morador de favela são colocados a prova.

A escolha do fazer documentário se deu não apenas pela afinidade com o formato, mas também por ser de mais fácil acesso aos personagens de nossas histórias: os moradores do Morro do Papagaio. Acreditamos o material audiovisual é uma opção de maior absorção do conteúdo produzido, um exemplo disso seria que um material textual não seria consumido por todos visto que há uma parcela de pessoas analfabetas na comunidade.

1. Entendo a construção de identidade

Segundo Kathryn Woodward (2011), em *Identidade e Diferença*, a identidade é importante devido sua relação com o essencialismo. Apesar de fundamentos da biologia estarem atrelados a identidade, visto que “o corpo é um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem somos” (WOODWARD, 2011), movimentos étnicos, religiosos e nacionalistas defendem a inclusão de padrões históricos e culturais na construção identitária.

É através da diferença que uma identidade é marcada, principalmente de forma binária. Ou seja, ou se é algo, ou não é, sem meio termo. Podemos usar a nacionalidade como exemplo, ou se é brasileiro ou não é. A renda também pode ser um exemplo de fator determinante da construção identitária: ou se é rico, e por isso, pode ser considerado da elite, ou não. Independente de duas pessoas possuírem o mesmo sexo, escolaridade, idade, *hobbies*, entre outras semelhanças, será a renda o fator determinante para a inserção do indivíduo no grupo da elite.

É importante ressaltar que identidades são dependentes entre si. Se não existirem pessoas que não pertençam ao grupo da elite, não há necessidade de denominar o grupo.

Ainda segundo a autora, apesar de haver semelhanças entre indivíduos ou grupos, o enfoque está no pertencimento ou não a um grupo identitário com características em comum.

Para autora,

a identidade está vinculada *também* a condições *sociais* e *materiais*. Se um grupo é simbolicamente marcado como inimigo ou como tabu, isso terá efeitos reais porque o grupo será socialmente excluído e terá desvantagens materiais (WOODWARD, 2011, p.14).

Apesar da categorização ser de extrema importância, como visto anteriormente, ela pode afastar um grupo do outro. Através de símbolos, as identidades são facilmente identificadas. Segundo Woodward (2011),

todas as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído. A cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre as várias identidades possíveis por um modo específico de subjetividade (WOODWARD, 2011, p. 19).

A autora entende que a identidade é mutável, e pode ocorrer uma crise identitária quando o grupo passa pela experiência da dúvida e incerteza. Em suas pesquisas sobre o assunto, ela expõe que alguns autores recentes, como Kevin Robins, identificam a globalização como principal fator dessa crise:

A homogeneidade cultural promovida pelo mercado global pode levar ao distanciamento da identidade relativamente à comunidade e à cultura local. De forma alternativa, pode levar a uma resistência que pode fortalecer e reafirmar algumas identidades nacionais e locais ou levar ao surgimento de novas posições de identidade (WOODWARD, 2011, p. 21).

Logo, podemos entender que apesar da diferença ser determinante, as semelhanças com outros grupos também influenciam na identidade. Apesar de não unificá-las, a afinidade entre os grupos pode gerar uma aproximação devido a hierarquização de poder ser mais próxima, evitando, assim, a exclusão.

Na tentativa de amenizar o processo simbólico de exclusão, a Casa do Beco promove o acesso à produção e propagação artística-cultural, como forma de difusão de capital cultural, termo utilizado por Jessé Souza (2014), em *A Cegueira do Debate Brasileiro*, para definir o acúmulo de conhecimentos de um indivíduo durante a vida.

a Casa é espaço de intercâmbio de experiências culturais diversas. Buscando a formação humana e profissional através da arte, são oferecidas oficinas artísticas para crianças, jovens e adultos. Além disso, há uma ampla programação artística e cultural, sempre gratuita, que mescla grandes sucessos do teatro dos grupos mais distintos da cidade e as montagens produzidas pela própria Instituição (Em: <http://casadobeco.tempsite.ws/institucional/>; Acesso em 10 de novembro 2017).

Além disso, Woodward (2011) estabelece ligação entre identidade e representação, explicando que, para compreendermos a última, é necessário entendermos anteriormente como o sujeito pode ser posicionado no interior dos grupos sociais que a representação produz.

A autora entende representação como um processo cultural, que determina as identidades e os sistemas simbólicos. Baseado nisso, é possível responder questões como: Quem sou? O que posso ser? Quem eu quero ser?

Com o documentário, buscamos entender de que forma a Casa do Beco utiliza do teatro como ferramenta para difundir os símbolos que irão se relacionar com a identidade do morador de favela. Procuramos entender se os símbolos já estabelecidos os representam ou se tentam transmitir novas visões sobre aquele grupo.

Dessa forma, concluímos que, na Casa do Beco, o teatro atua como sistema simbólico e, através do conteúdo das peças, são produzidos significados. Assim, o teatro dá sentido à nossa experiência, contribuindo para a formação de como entendemos a comunidade.

2. Representação

A Casa do Beco é um local de representatividade, que reúne e expressa as reivindicações dos moradores do Morro do Papagaio. Sendo um espaço onde os estigmas da vida na comunidade são colocados a prova, a Instituição é também um espaço em que a representação se dá de forma social, pessoal e artística.

Para Denise Jodelet (1989) de acordo com a comunidade científica, a representação social “é uma forma de conhecimento, socialmente elaborado e compartilhado, que tem um objetivo prático e concorre para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (JODELET, 1989, p. 4-5). Dessa forma, as relações sociais ditam nosso comportamento interpessoal e com o mundo, assim, orientam nossas condutas.

Ainda segundo a autora, a representação social une a representação de um sujeito a um objeto. Esse objeto pode ser “tanto uma pessoa, uma coisa, um evento material, psíquico ou social, um fenômeno natural, uma ideia, uma teoria etc.; pode ser tanto real, quanto imaginário ou mítico, mas sempre requer um objeto.” No caso da Casa do Beco, entendemos como objeto as atividades artísticas-culturais, em especial o teatro. Portanto, as características do sujeito e do objeto terão incidência sobre a representação.

Por sua vez, Erving Goffman, em *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*, evidencia que a forma do indivíduo se expressar é conscientemente e intencionalmente dependente da posição social que ele ocupa ou do grupo social que participa. Portanto, ela não acontece devido a uma resposta de aceitação ou aprovação. Na obra, o termo “representação” se refere a “toda atividade de um indivíduo que se passa por um período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência” (GOFFMAN, 1985, p.29). Assim, entendemos que, na Casa do Beco, a representação ocorre perante as vivências no Morro do Papagaio, além das interações interpessoais e pesquisas no ambiente. Buscamos, então, a partir da pesquisa e das visitas de campo, identificar como isso acontece.

Para Stuart Hall (2016), em *O Espetáculo do Outro*, a representação também existe como forma de estereotipagem, a qual pode reduzir “as pessoas a algumas poucas características simples e essenciais, que são representadas como fixas por

natureza” (HALL, 2016, p.190). Ou seja, ela separa o que é considerado “diferente”, excluindo-o. Assim, a representação é construída através das informações que possuímos das pessoas por diferentes ordens de tipificação, que são caracterizações reconhecidas ou desenvolvidas sobre um indivíduo.

Então, tipificações também são uma forma de cognição. Portanto, é importante ressaltar que elas não atuam somente de maneira negativa, pois são fundamentais para nosso entendimento do mundo e do outro.

Para Goffman (1985), a estereotipagem é uma maneira de antecipar informações a respeito de um desconhecido. A antecipação é feita utilizando de vivências anteriores que a pessoa tenha tido com indivíduos aproximados, e serve para saber a melhor maneira de agir para dele obter uma resposta desejada.

Assim, Goffman (1985) conclui que nem sempre a informação adquirida é a correta, pois as atividades “verdadeiras”, como as crenças e emoções, só podem ser verificadas através de confissões ou um comportamento expressivo involuntário. Além disso, durante a interação, o ser humano pode intencionalmente transmitir informações falsas. No documentário, procuramos verificar se a Casa do Beco tem o intuito de trazer essas informações “verdadeiras” por meio das sensações causadas pelo teatro, além de saber se o teatro requer determinados esquemas tipificadores, reivindicando significados na sociedade e na cultura. Após as gravações, concluímos que os participantes das atividades da Casa têm consciência de que a apresentação do espetáculo expressa uma verdade a partir da visão de mundo dos envolvidos. Dessa forma, a equipe busca estabelecer diálogo com o público ao fim das apresentações com o intuito de conhecer a visão dos espectadores sem assumir uma verdade absoluta. Para além disso, o teatro também é usado como forma de desmistificar os estereótipos construídos a partir do não conhecimento da realidade dos moradores do Morro do Papagaio, para fazer isso, eles utilizam do recurso de apresentar os estereótipos nas próprias peças para que, ali mesmo, eles possam ser desnudados.

Assim, como alguém busca impressionar o outro ao se expressar, um ator, ao representar um personagem, solicita de maneira implícita que a platéia confie na impressão sustentada por ele. Essa sustentação se dá através da compatibilidade entre aparência, maneira e ambiente. Para tanto, Goffman define “fachada” como “o

equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconsciente empregado pelo indivíduo durante sua representação” (GOFFMAN, 1985, p.29).

Logo, cada papel possui uma fachada e fica a cargo do ator quanto a mudança ou não desse padrão. Ao modificar o conceito de um papel, pode-se verificar que o “novo” são várias fachadas já estabelecidas dispostas de maneira diferente. Dessa forma, o mesmo ator pode representar diferentes papéis, atuando, então, em diferentes fachadas.

A representação esconde muitas nuances por trás dela que o público não tem conhecimento, assim, ela é ajustada para se enquadrar aos moldes esperados pelo espectador. Nas palavras de Hughes, “temos a tendência a esconder de nosso público todos os indícios de ‘trabalho sujo’” (HUGHES *apud* GOFFMAN, 1985, p.48), então, os erros são corrigidos antes da representação, mostrando apenas o produto final.

Na Casa do Beco, os atores encenam a própria história ou a de outros moradores do Morro do Papagaio, pois, por meio do teatro, interpretam as vivências inspiradas no seu cotidiano. A exemplo do documentário *Jogo de Cena*, de Eduardo Coutinho (2007), em que também há essa intertextualidade entre realidade e representação, as cenas interpretadas se confundem entre o real e a ficção.

Inicialmente, Coutinho colocou um anúncio em um jornal convidando mulheres a contarem suas histórias de vida diante de uma câmera. Meses depois, convidou atrizes a narrarem a mesma história no mesmo cenário: sentadas a frente dele em um teatro vazio, assim, durante o filme, o público não consegue identificar de quem é a história. Como no documentário produzido por Coutinho, a proposta teatral do grupo Entre Elas, na Casa do Beco, são mulheres interpretando experiências reais. Além disso, durante as performances de ambos os projetos, não temos certeza se a atuação é derivada da vivência de quem conta ou inspirada em histórias de outras pessoas.

Josemeire Alves, que começou a colaborar com a Casa do Beco em 2002, relata no livro *Grupo do Beco e Casa do Beco, 20 anos de trajetória artística e comunitária* sua memória da estréia da peça *Bendita a Voz Entre as Mulheres*¹:

¹ A sinopse de *Bendita a Voz Entre as Mulheres* encontra-se no *Briefing* da página 51.

a presença emocionada das mulheres que ofereceram relatos da própria história de vida para compor a vida e a história de Bendita - um mosaico de todas elas e de muitas outras. A presença delas e de tantos outros moradores e moradoras que jamais haviam tido a oportunidade de assistir a uma peça, o olhar de cada uma dessas pessoas, a maneira como se viam e se sentiam ali representados, o marejar de olhos ou a risada solta que repercutia no corpo todo, ressoando pelo salão e além... Aquilo tudo significava muito. Era como se rompéssemos, tal como a personagem em cena, um elo da pesada corrente de opressão (CUNHA *apud* ALVES, CÉSAR, 2016, p.40) .

Para além disso, Goffman (1985) acredita que todos são capazes de transmitir à um público o sentido de realidade que está sendo executado diante dele.

Os textos, mesmo em mãos de atores iniciantes, podem ganhar vida porque a própria vida é uma encenação dramática. O mundo todo não constitui evidentemente um palco, mas não é fácil especificar os aspectos essenciais em que não é (GOFFMAN, 1985, p.71).

Isso se deve ao fato de que todos representam o tempo todo. Além disso, a forma de expressão do indivíduo é socialmente moldada de acordo com o grupo em que ele se insere. E, sempre que muda sua posição na sociedade, ele é induzido a mudar sua forma de agir.

Assim, através da representação teatral, o Grupo do Beco busca de forma subjetiva ou não, apresentar pontos da identidade do morador de favela pouco explorados, ou vistos de forma pejorativa. Propagar histórias de lutas e sonhos, como na peça *Bendita a Voz Entre as Mulheres*, e expor os estereótipos desmitificando-os, contribui para uma nova visão daquele grupo e demonstra a tentativa de romper com a exclusão simbólica, sem se propor a alterar a condição material de quem vive no Morro.

3. Vida em comunidade

Conhecida por estar próxima a bairros nobres de Belo Horizonte, a comunidade do Morro do Papagaio é palco de marginalização pela polícia e pela população exterior ao Morro, segundo Roberth Michael e Maisa da Silva, moradores do aglomerado e participantes da Casa do Beco, em entrevista para o documentário.

É possível identificar esses aspectos a partir de Jessé Souza (2014), que propõe uma leitura não economicista da sociedade. Optamos por esse olhar pois acreditamos que as diferenças entre as classes sociais se embasam também no acesso à cultura. Em *A Cegueira do Debate Brasileiro Sobre as Classes Sociais*, é possível identificar a ralé e os batalhadores. Ambas as classes são caracterizadas por serem precarizadas socialmente, contudo a segunda possui maiores recursos e possibilidade de ascensão - maior capital cultural (SOUZA, 2014, p.4). Assim, acreditamos que o Morro do Papagaio concentra essas duas classificações. Portanto, a população, apesar de maioria classe baixa, é diversificada.

Para sobre as classes populares também o fantasma de sua incapacidade de “ser gente” e o estigma de ser “indigno” (...). As classes com essa “insegurança generalizada”, como a “ralé” e boa parte dos “batalhadores”, estão divididas internamente entre o “pobre honesto”, que aceita as regras do jogo que o excluem, e o “pobre delinquente”, o bandido, no caso do homem, e a prostituta, no caso da mulher (SOUZA, 2014, p.6).

Logo, as classes populares não usufruem dos mesmos privilégios das classes média e alta. Assim sendo, muitas vezes, contam com o ensino de escolas precárias, poucos exemplos de ascensão na família e, possivelmente, precisam começar a trabalhar cedo. Dessa forma, as classes altas exploram as camadas populares e, além disso, esta última camada possui pouco, ou quase nenhum, acesso ao capital cultural. Ainda assim, há uma diferenciação entre a ralé e os batalhadores nas classes populares. Com maior acesso ao capital cultural, os batalhadores possuem maior predisposição a ascensão social, mesmo também sendo extorquidos pela classe alta.

Contudo, a comunidade também é conhecida por sua luta em busca de reconhecimento e avanço. Clarice Libânio, em sua dissertação de mestrado *Arte, Cultura e Transformação nas vilas e favelas: Um olhar a partir do Grupo do Beco*,

observa que a relação entre a favela e arte estão diretamente ligadas a auto-estima, transformando a visão do indivíduo de si mesmo. Como reverberação, a maneira do indivíduo se relacionar com o mundo e sua comunidade, também muda.

Como consequência, as pessoas se sentem mais à vontade para circular em locais que antes consideravam inadequados. Se permitem relacionar com grupos que antes pareciam inacessíveis. Segundo a autora, eles “deixam de se sentir humilhados e diminuídos em virtude do seu local de moradia e transformam a vergonha em força, orgulho pela origem e auto-afirmação” (LIBÂNIO, 2008, p.113). A autora reconhece a construção de uma nova identidade como uma forma de empoderamento.

Através do teatro, a transformação da visão do grupo em que pertencem não se limita apenas aos envolvidos na produção. O enredo das peças sobre a vida na comunidade, transmite conhecimento e reflexão a respeito da violência e a luta por melhores condições de vida.

Nil Cesar, fundador e idealizador do Grupo do Beco, deixa claro no final do livro *Grupo do Beco e Casa do Beco, 20 anos de trajetória artística e comunitária*, que sua luta é por cidadania. O desejo de ter todos os direitos que seu grupo social é digno, motiva-o desde 1995 a mobilizar pessoas para esse trabalho de conscientização.

4. Re(a)apresentação

O nome *Re(a)apresentação* faz referência ao tema central do documentário: representação. Entendemos que tal tema é tratado de várias maneiras, pois além da representação que os atores fazem das próprias histórias, através do teatro, entendemos que a produção fílmica é uma forma de reapresentar a mesma história. Para além disso, as representações são proporcionadas por apresentações.

Desde a elaboração do projeto para construção do memorial e documentário, buscamos, primordialmente, dar voz aos que nem sempre possuem espaço. Para isso, demos prioridade às entrevistas e visitas de campo para, assim, conseguirmos entender as vivências dos sujeitos de nossa história.

Procuramos, através de imagens, entender como a representação pode ser feita e encenada, no dia a dia, por grupos pertencentes à minoria. Dessa maneira, nos deparamos com questões de ética: qualquer representação não seria fiel ao real, pois um enquadramento em uma imagem de tela não consegue dar conta da imensidão da realidade. Contudo, mesmo acreditando que a representação fílmica não dê conta do real, buscamos retratar as vivências na Casa do Beco da forma mais fiel possível, pois concordamos com Cristiane Gutfreind, quando ela menciona, em *O Filme e a Representação do Real*, que “a representação é, então, considerada como um meio de corporificar as aparências e dar forma ao espírito” (GUTFREIND, 2006, p.4).

No documentário, também buscamos nos enquadrar na teoria do terceiro sentido de Roland Barthes, que diz:

Poderemos distinguir três níveis na imagem fílmica: um nível “informativo”, que nos remete a um tipo de conhecimento originário do cenário, dos personagens, do figurino, etc.; um nível simbólico que diz respeito aos símbolos ligados ao tema do filme, ao seu autor e a seu referencial e, ainda, um nível obtuso, da ordem do sensível e que nos leva à emoção, ao afetivo (BARTHES *apud* GUTFREIND, 2006, p. 4).

No nível informativo, retratamos o cotidiano, o montar de cada peça teatral, os ensaios; enquanto que no nível simbólico trazemos as questões de representação e da realidade vivida pelos moradores do Morro do Papagaio, assim como nossa perspectiva a partir do que vimos ali. Já no nível obtuso, procuramos

despertar a emoção do espectador para que, assim, ele se sensibilize e entenda como a obra foi construída.

Logo, no atrelar das cenas filmadas, procuramos exaltar os seres humanos que fazem parte do nosso documentário. A exemplo de Gutfreind, “o documentário junta os planos sem a pretensão de anular o sujeito a um personagem, mas sim de trabalhar a desconstrução do sujeito como instância unificada e estruturante” (GUTFREIND, 2006, p.8).

Dessa forma, concordamos com Consuelo Lins e Cláudia Mesquita, em *Filmar o Real - Sobre o Documentário Brasileiro Contemporâneo*, quando afirmam que “filmar hoje é, portanto, entrar em um turbilhão de imagens, imiscuir-se no fluxo midiático de representações, confrontar-se com essa espécie de ‘meio ambiente’ contemporâneo” (LINS, MESQUITA, 2008, p.35). Mesmo enfrentando a dificuldade de selecionar as melhores imagens e despirmos dos preconceitos para entender parte do Morro do Papagaio, procuramos apresentar um documentário que fosse digno dos moradores da comunidade e frequentadores da Casa do Beco.

4.1. Etapas de produção

Neste tópico, abordaremos como foi o fazer documentário desde a pré-produção até a pós-produção. Para isso, embasamo-nos no formato participativo de Bill Nichols (2005) que, em *Que Tipos de Documentários Existem?*, defende que nossa presença não nos torna “nativos” do Morro do Papagaio, mas ela nos permite participação e observação.

Também amparamos-nos no artigo *Introdução ao Roteiro de Documentário* de Sérgio Puccini (2009). No decorrer do artigo, Puccini (2009) aborda como desenvolver a pesquisa, argumento e tratamento. Nas etapas de produção, fazemos a aplicação desses conceitos.

Para pesquisa, foi necessário reunir material impresso a respeito da Casa do Beco, material de arquivo - como filmagens de peças que não estariam em cartaz durante o processo, pré-entrevistas com os membros da instituição e pesquisa de campo, onde as imagens poderiam ser gravadas. O argumento foi pensado nos principais atores do documentário, lugar em que ocorre - Casa do Beco/Morro do Papagaio - e principais eventos da história. Por fim, o tratamento foi feito desde o

pré-roteiro até a decupagem das imagens para que, assim, pensássemos na estrutura do documentário e nas possíveis sequências de imagens.

4.1.1. Pré-produção

A produção do documentário começou a partir da escolha do tema: sabíamos que tratar representação na favela era nosso objetivo, mas não conhecíamos qual seria a forma de abordagem. Seguimos Sérgio Puccini, no processo de pesquisa, onde “o documentarista deverá ler tudo aquilo que for possível, dentro dos limites de tempo disponíveis para a produção, referente ao assunto escolhido” (PUCCINI, 2009, p.181). A partir disso, conhecemos o trabalho da Casa do Beco e entramos em consenso que ela caracteriza bem o que buscávamos estudar. À vista disso, aprofundamos nossas leituras em autores como Denise Jodelet (2001), Erving Goffman (1985) e Stuart Hall (2016) para compreendermos representação, assim como as formas em que ela ocorre.

Ao entendermos que representação se tratava de algo complexo e que a Casa desenvolve diversas atividades que poderiam contemplá-la, optamos por fazer um recorte temático: escolhemos o teatro. Por esse motivo, estudamos também Eduardo Coutinho, que mistura, na representação fílmica, um jogo de realidade e ficção, característica também identificada nos espetáculos da Casa do Beco: mesclar o real com a criação.

Assim sendo, como a Instituição usa do teatro para desmistificar os rótulos colocados no morador de favela, entendemos que também era necessário estudar como ocorre a construção de identidade nos aglomerados, já que os moradores enfrentam tantos estigmas e dificuldades, como a financeira e a falta de acesso à educação de qualidade. Para nos auxiliar com essas questões, optamos por consultar os estudos de Kathryn Woodward e Jessé Souza.

Durante esse processo de acúmulo de conhecimento teórico, fizemos diversas visitas de campo e iniciamos as captações de imagens. Para mantermos contato direto com os participantes da Casa do Beco e estarmos sempre atualizados sobre as novidades que aconteciam lá, optamos também por criar um grupo no aplicativo *Whatsapp*. Nesse grupo, os participantes eram: Roberth Michael (comunicação da Casa), Liliane Alves (professora do grupo teatral Entre Elas) e Nil

Cesar (fundador, diretor, roteirista, e ator da Casa); as informações trocadas diziam a respeito das futuras apresentações, projetos e encontros para as gravações.

O formato do documentário foi planejado para ser feito de modo participativo, classificação feita por Bill Nichols (2005) em *Que Tipos de Documentários Existem?*. Segundo o autor,

A sensação da presença em carne e osso, em vez da ausência, coloca o cineasta 'na cena'. Supomos que o que aprendemos vai depender da natureza e da qualidade do encontro entre cineasta e tema, e não de generalizações sustentadas por imagens que iluminam uma dada perspectiva. Podemos ver e ouvir o cineasta agir e reagir imediatamente, na mesma arena histórica em que estão aqueles que representam o tema do filme. Surgem as possibilidades de servir de mentor, crítico, interrogador, colaborador ou provocador. (NICHOLS, Bill, 2005, p. 155)

Uma das características que nós fizemos apropriação do documentário participativo foi o uso das entrevistas. A escolha desse método se deu porque as entrevistas se diferenciam tanto da conversa corriqueira quanto do processo interrogatório, dessa forma, elas são um “encontro social”. De acordo com Nichols (2005), “os cineastas usam a entrevista para juntar relatos diferentes numa única história. A voz do cineasta emerge da tecedura das vozes participantes e do material que trazem para sustentar o que dizem”.

À vista disso, escolhemos as atrizes do grupo Entre Elas como personagens pois elas possuem suas histórias representadas nas peças, o que exemplifica de forma clara a proposta do documentário. Além disso, optamos por entrelaçar as entrevistas delas com a do fundador, diretor e roteirista da Casa do Beco, Nil Cesar. Nil consegue dar sustentabilidade ao discurso proferido pelos demais participantes do documentário. Há também a presença das falas do público, pois elas demonstram quais efeitos os espetáculos causam nos espectadores.

Assim, o processo construção desse memorial e produção do documentário ocorreram de forma simultânea, dessa forma, conseguimos registrar todos os passos na medida em que eles foram acontecendo. Com essa escolha, acreditamos que emergimos em um processo de gravação consciente, já que a produção filmica foi estruturada com antecedência.

4.1.2. Gravação

Iniciamos as gravações na apresentação da peça *Morro do Pássaro Falante*², realizada pelo Grupo do Beco. De acordo com Puccini (2009), esse foi um registro original de evento autônomo, pois o espetáculo já estava programado para ocorrer, independente da nossa produção fílmica. Por ser a primeira gravação, nos deparamos com alguns dilemas e imprevistos. Optamos por utilizar duas câmeras fotográficas Canon T3, devido a praticidade, visto que as duas obtinham esse recurso. Além disso, havia pretensão de nos mudarmos para a cidade de Belo Horizonte, tornando mais difícil o acesso aos equipamentos oferecidos pela Universidade Federal de Ouro Preto.

Por se tratar de uma câmera fotográfica que possui o recurso da filmagem, tivemos algumas limitações que não teríamos com filmadoras ou outros modelos mais avançados da câmera. Uma delas é a interrupção da gravação quando atinge aproximadamente 15 minutos seguidos. Além disso, as configurações do ISO, velocidade, abertura e temperatura de cor são automáticas.

O coorientador Anderson Medeiros nos explicou que as câmeras fotográficas da marca *Canon* que possuem em seu modelo a letra “i” são mais apropriadas para gravações e podem possuir mais recursos, como a possibilidade de inserção de um microfone para melhoria do áudio. Devido a carência desse recurso, utilizamos um gravador da marca Sony para suprir essa necessidade.

Entretanto, durante o teste do microfone, um pouco antes do início do espetáculo, notamos que o uso do aparelho provocava ruídos. Apesar de termos feito testes anteriores, sabíamos dessa possibilidade, pois os funcionários da Universidade já haviam informado que esse era um problema ainda recorrente.

Assim, optamos pelo uso do gravador sem microfone. Uma de nós se sentou na primeira fileira da platéia e ficou encarregada de segurar o gravador e cuidar das mochilas e equipamentos. Além de prestar mais atenção aos detalhes da peça para utilizar em futuras entrevistas.

Enquanto isso, a outra ficou encarregada de filmar diferentes planos das encenações. Além de ativar a gravação, a cada 15 minutos, da câmera que ficou posicionado em um tripé na última fileira, para obtenção de imagens mais contínuas

² A sinopse de *Morro do Pássaro Falante* encontra-se no *Briefing* da página 51.

e com o plano mais aberto. É importante ressaltar que durante toda a gravação foram tomados cuidados para não interferirmos na apresentação do espetáculo.

Além da apresentação *Morro do Pássaro Falante*, tivemos a possibilidade de fazer outro registro original de evento autônomo, em 13 de Setembro de 2018, na apresentação *Mãe Raízes do Morro*³, do Grupo Entre Elas, no espaço da Casa do Beco. A dinâmica foi semelhante, mas mais fluida, devido a experiência anterior.

Tínhamos a pretensão de gravar a peça *Quando eu Vim Para um Belo Horizonte*⁴, entretanto alguns imprevistos e a não conciliação de agendas impossibilitou a captação. Como alternativa, utilizamos imagens de arquivo produzida por Roberth Michael, que nos cedeu em reunião na Casa do Beco.

Apesar da escolha dos três espetáculos para compor o documentário, participamos de outras apresentações e eventos realizados pela Casa do Beco. Acreditamos que essa é uma forma de nos aproximar com os integrantes e entender de forma mais geral a maneira que trabalham.

A gravação das entrevistas, caracterizada por Puccini (2009) como registro original de evento integrado, já que foram realizadas por força da produção do filme, ocorreram no espaço destinado para ensaios da Casa. Optamos pelo uso do primeiro plano para que as expressões faciais pudessem ser visíveis, enquanto que a escolha do fundo neutro teve o propósito de evitar distrações. Dessa forma, quem assiste o documentário tem a possibilidade maior de se conectar com o entrevistado.

A maior dificuldade para a gravação das entrevistas foram os ruídos externos que interferiram durante a produção. Os sons indesejados eram oriundos da vizinhança e, apesar de em alguns momentos termos interrompido o entrevistado para esperar o ruído passar, tivemos a sensibilidade de abrir mão da qualidade quando o entrevistado estava desenvolvendo um assunto de maneira natural. Mesmo porque, nem todos os ruídos tinham previsão de término.

A iluminação das entrevistas foi proporcionada por uma janela lateral. A luz natural era nosso único meio, visto que não tínhamos recursos para uma iluminação artificial. Apesar da incidência maior da luz à esquerda dos entrevistados, a sombra

³ A sinopse de *Mãe Raízes do Morro* encontra-se no *Briefing* da página 51.

⁴ A sinopse de *Quando Eu Vim Para Um Belo Horizonte* encontra-se no *Briefing* da página 51.

do lado direito pôde ser amenizada pela presença de um espelho do outro lado da sala.

4.1.3 Pós-Produção

A pré-produção foi fundamental para facilitar a edição do documentário. Uma vez que já havíamos discutido os propósitos e dilemas, pensado na estrutura e feito as gravações de maneira consciente, dessa forma, a montagem foi relativamente tranquila.

O fator limitador foi o tempo, pois se tratando de um curta-metragem, muitas falas e cenas interessantes precisaram ser deixadas de fora para que o conteúdo fosse o mais objetivo possível.

A edição foi realizada no programa *Adobe Premiere Pro CS6*. Devido a automação das câmeras na temperatura de cor e iluminação, foi preciso realizar ajustes na pós-produção. Os principais recursos utilizados com esse propósito foram as ferramentas *Fast Color Correcto*, *Color Balance* e *Levels*.

Como tentativa de melhorar a qualidade do som, utilizamos a ferramenta *DeNoiser* para reduzir os ruídos. Já para nivelar o som, usamos a ferramenta *Audio Gain* com auxílio do recurso *Audio Meters*.

A decupagem das imagens foi feita manualmente. Marcamos o tempo de cada trecho das entrevistas e identificamos os assuntos como pertencentes às seguintes categorias: estereótipo, identidade, representação, história da Casa do Beco, história do personagem, teatro e outros. Marcamos cada trecho com cores que correspondiam a categoria. Dessa forma, durante a montagem do produto, os temas foram facilmente identificados e organizados. Esse método também colaborou para que pudéssemos fazer testes em relação a estrutura final do filme.

Além disso, qualificamos com notas de 1 a 5 cada trecho de acordo com a relevância da fala para o documentário. O principal critério utilizado foi a aproximação do assunto com o tema. Ainda, fizemos um breve resumo da fala do entrevistado para facilitar na localização. A seguir, a imagem de um trecho da decupagem para exemplificação do processo:

MVI_7498.MOV - Câmera 01

05;47;11 - 08;54;27 (nota 3) = Fala sobre o processo das entrevistas de maneira mais detalhada.

09;35;13 - 11;28;15 (nota 5) = Fala sobre a diferença de apresentar na CB e em outros lugares.

11;28;15 - 12;48;00 (nota 5) = Fala sobre a abertura deles para um bate papo e o objetivo de dialogar.

Legenda: História da Casa do Beco - estereótipo - Identidade - Representação

A edição do documentário foi estruturada pensando na sequência de uma apresentação de teatro. Iniciamos o vídeo com o público chegando e encerramos com os aplausos finais. Também buscamos colocar as imagens de apoio em uma sequência coerente, de forma que, no início, mostramos a montagem do cenário e ajustes da iluminação do palco, em seguida, a preparação do figurino e maquiagem, na sequência, as apresentações e, para finalizar, a abertura para o público dialogar com os atores.

Além dessa divisão, os conteúdos são organizados da seguinte forma: no início, são citados alguns estereótipos identificados pelos entrevistados, em seguida, são abordados assuntos referentes à identidade, na sequência, fala-se sobre a importância da quebra do estereótipo e, por fim, são desenvolvidos discursos sobre representação. Essa organização se deu não apenas para seguir a ordem dos assuntos abordados neste memorial, como também porque aspiramos entender como o processo de construção de identidade ocorre perante a presença de estereótipos e, a partir desses conceitos, a necessidade de romper tais estereótipos e representar os moradores de favela de acordo com suas próprias perspectivas.

Ao iniciar a obra com a chegada do público e o som de pessoas pedindo para começar a apresentação, esperamos que o público tenha a expectativa e ansiedade semelhante ao do público presentes naquele vídeo para com o documentário.

A utilização do som extradiegético que simula a campainha, foi pensada para intensificar a sensação do espectador de estar assistindo uma peça de teatro, visto que esse é um recurso comum utilizado antes da peça. Através dele, também subentende-se que o espetáculo ainda não começou, ou seja, as cenas intercaladas com as campainhas fazem parte do pré espetáculo. Por isso, as cenas selecionadas foram de montagem de palco, ajuste de luz, e falas que são expostos os estereótipos. Dessa forma, além de dar uma prévia para o espectador sobre o que será discutido, é uma forma sutil de demonstrar que toda a discussão do filme é devido a existência de estereótipos.

Após o terceiro sinal, o “espetáculo” começa dando uma breve introdução sobre o que é a Casa do Beco, o objeto de estudo do documentário. Em seguida, inicia-se falas referentes a identidade. O início dessa categoria é marcado por cenas da preparação da maquiagem do elenco, pois entendemos a estética como um fator relacionado ao assunto identidade.

Marcado por cenas de apresentações, é iniciado discursos sobre estereótipos e quebra desses estereótipos. A escolha das cenas foi devido ao nosso entendimento de que é através de novas apresentações, que podem ser realizadas de diferentes formas, que novas percepções e conceitos são formados. Ou seja, baseadas em Stuart Hall (2016), acreditamos que as apresentações também são uma forma de tipificação, que podem alterar nossa cognição a respeito dos indivíduos.

Um dos grandes desafios para realização da montagem do documentário foi o equilíbrio entre as falas do entrevistado Nil Cesar com os outros participantes. Isso ocorreu porque enfrentamos dificuldades em desenvolver os assuntos sobre construção de identidade e quebra de estereótipos com as atrizes do Grupo Entre Elas, mesmo tentando adaptar a linguagem nas entrevistas, visto que elas não possuíam intimidade com os temas.

Cenas relacionadas ao diálogo são escolhidas para iniciar o assunto representação. Após os estudos, entendemos que é através de conversas que sabemos até que ponto a pessoa é ou não condizente com os estereótipos aplicados à ela.

4.2. Sobre o produto

O projeto para elaboração do documentário foi construído a partir do aporte teórico apresentado no memorial. Procuramos elaborar perguntas para entender como a representação acontece na Casa do Beco, baseada em suas atividades teatrais. Para as perguntas que dizem respeito às peças de teatro, utilizamos da teoria de Erving Goffman (1985) para compreender os “papéis de fachada” que cada personagem disponibiliza.

Também trabalhamos com conceito de identidade. Durante todo o trabalho, inspiradas em Kathryn Woodward (2011), aspiramos identificar as marcas de diferença, sustentadas pela exclusão do morador de favela, que são os pilares para a construção de identidade na Casa do Beco.

A partir de Denise Jodelet (1989), entendemos como a representação se dá através da relação sujeito-objeto. Encarando o objeto como sendo as atividades de teatro, encontramos a representação nas apresentações do Grupo do Beco, como na peça *O Morro do Pássaro Falante*, que retrata as relações entre vizinhos e foi inspirada na vida em comunidade.

Influenciadas por Stuart Hall (2016), percebemos, pelos relatos e entrevistas, a existência da estereotipagem produzida diante do morador de favela. Assim, as pessoas são reduzidas e classificadas por determinadas características e, dessa forma, são excluídas pela sociedade. A partir das falas dos participantes do documentário, identificamos quais são as tipificações rotuladas em quem vive no Morro, algumas delas são: “bandido”, “negro”, “traficante” e “analfabeto”.

Além disso, pensamos em imagens que melhor possam retratar a realidade das vivências em comunidade e do ambiente ali construído. Através do primeiro plano, buscamos uma aproximação do personagem com o espectador durante o depoimento. Para a composição do restante das filmagens, não houve limitação. De planos abertos à planos detalhes, captamos elementos que transmitissem as peculiaridades do grupo.

A montagem não foi feita de forma cronológica, mesclando falas das peças, parte dos depoimentos e imagens de apoio de forma alternada. Entretanto, a edição foi pensada na estrutura do teatro. Iniciamos o documentário com imagens da

espera do público e a montagem do cenário, e, finalizamos com os aplausos do público e agradecimento dos artistas.

4.3. Descrição e metodologia

A produção começou antes mesmo de visitarmos a Casa do Beco pela primeira vez. Quando descobrimos o trabalho desenvolvido por ela no Morro do Papagaio, logo entramos em contato com o setor de comunicação.

Nossa primeira visita foi agendada para o dia 07 de agosto de 2017. Fomos recebidas pelo Roberth Michael e pela Maisa da Silva, que trabalham, respectivamente, para a assessoria e administração da Casa. Embasadas por Puccini (2009), nesse primeiro dia, decidimos não levar nenhum equipamento de gravação para que pudéssemos criar laços de confiança com os primeiros sujeitos do nosso documentário, já que as pré-entrevistas “são úteis tanto para fornecer informações, ou mesmo aprofundar informações já coletadas, como para servir de teste para se avaliar os depoentes como possíveis personagens do filme” (PUCCINI, 2009, p.182).

Com essa conversa, entendemos melhor que a Casa do Beco busca sempre trazer a visão da periferia em todas as suas atividades, nas palavras de Roberth: “você nunca verá o Grupo do Beco fazendo Shakespeare, a não ser que ele seja introduzido na favela” (MICHAEL, Roberth, 2017, em entrevista). Além disso, confirmamos a hipótese de que todos os projetos buscam a representação, já que, segundo eles, a cultura erudita soa como distante do Morro. Essa característica também é identificada por Jessé Souza (2014), que vê a ralé e os batalhadores com pouco acesso ao capital cultural, a exemplo de facilidade de ingresso a uma língua estrangeira e contato com atividades artísticas consideradas refinadas, como orquestras sinfônicas, que poderiam dar maior possibilidade de ascensão social. Então, a melhor forma que os grupos teatrais, Grupo do Beco e Entre Elas, encontraram para amenizar essa realidade, foi reafirmando e valorizando a existência da cultura na favela. Assim, os próprios moradores da comunidade representarem as suas histórias, dessa forma, o público alvo é sempre o morador de favela.

Maisa destacou a Casa do Beco como um espaço de transformação social, já que participam pessoas de todas as idades e costuma haver uma roda de conversa depois dos espetáculos, alcançando assim a proximidade com o público. De acordo com ela, “é um lugar para tirar as atitudes de machismo e preconceito” (DA SILVA, Maisa, 2017, em entrevista).

Ainda nesse mesmo dia de visita, conversamos com as atrizes do grupo Entre Elas, mulheres que, em grande maioria, já são idosas, passaram por muitas dificuldades na vida e que, em grande parte dos casos, não tiveram acesso à educação básica. Para conversarmos com elas, utilizamos de um vocabulário mais acessível e claro para que conseguíssemos identificar aspectos característicos de quem frequenta a Casa. Conversamos com Adegmar de Jesus, Maurina Eugênia, Adriana Borges e Maria do Carmo, todas elas afirmaram que enxergam a Casa do Beco como um espaço de representação e representatividade, já que vêem que as pessoas se identificam com as histórias que elas contam.

Apesar de manter contato frequente com a equipe de comunicação da Casa, nosso próximo encontro foi no dia 8 de dezembro de 2017. Nessa data, acompanhamos a apresentação da peça *Morro do Pássaro Falante* no espaço Funarte localizado na região central de Belo Horizonte. Nessa ocasião, acompanhamos desde o montar do cenário, a preparação dos atores e da produção antes do espetáculo até o retirar dos figurinos. Conseguimos fazer entrevistas bases com atores e públicos, além de filmar a peça teatral.

A partir do material que conseguimos obter e tendo o aporte teórico como base, voltamos à Casa do Beco em 18 de Julho de 2018. Nessa ocasião, Roberth nos cedeu filmagens de algumas peças para conhecermos na prática os roteiros que já havíamos lido. Nesse encontro, traçamos qual seria a agenda das nossas próximas visitas baseada nas apresentações que o grupo Entre Elas faria em 2018.

Antes de seguirmos o roteiro de datas pré-agendadas, fizemos outras visitas com o intuito de nos aproximarmos da comunidade, a exemplo disso assistimos o espetáculo teatral *Quem Faz o Lugar?*⁵, do grupo Prediolândia que pertence a uma comunidade de Ribeirão das Neves - Belo Horizonte. A apresentação ocorreu na Vila São Bento, próxima ao Morro do Papagaio, no dia 21 de julho de 2018, e

⁵ A sinopse de *Quem Faz o Lugar?* encontra-se no *Briefing* da página 51.

contou com o apoio da Casa do Beco. Optamos por assistir a apresentação porque ela também aborda questões de representação em aglomerados.

Para intensificar nossas gravações, começamos por filmar, em 30 de Julho de 2018, além dos ensaios para as peças, uma roda de conversa entre as mulheres do grupo Entre Elas. Optamos por essa metodologia pois o grupo de participantes é grande e não gostaríamos que as senhoras que não fossem selecionadas para entrevistas ficassem com sentimento de exclusão. Nessa roda de conversa, conseguimos abordar questões de pertencimento a comunidade, conhecer histórias das moradoras do Morro, entender a ligação delas com a Casa do Beco e como a Casa faz parte do dia a dia de cada uma.

Nessa mesma ocasião, fizemos entrevistas individuais com Adegmar e Maurina. A escolha dessas duas senhoras se deu pela relação entre a história de vida delas e a Casa do Beco. Adegmar conviveu com sérios problemas de saúde - que são retratados no documentário - os quais quase tiraram sua vida, ela enxergou a Casa como uma terapia ocupacional, uma válvula de escape para todas as suas dificuldades. Por outro lado, Maurina dispunha de problemas familiares. Vinda de uma família rigorosa e tradicional, teve que lidar com a gravidez na adolescência de sua filha, fato que a fez entrar em depressão e é parcialmente relatado na peça *Mãe Raízes do Morro*.

Gravamos cenas do espetáculo *Mãe Raízes do Morro* no dia 13 de setembro de 2018 no espaço da Casa do Beco. Também foram captadas cenas do público chegando, a preparação dos atores e da opinião do público ao dialogar com os artistas. Ainda, entrevistamos de forma breve os atores e espectadores.

A próxima etapa do processo de gravação foi no dia 20 de setembro de 2018 com a entrevista de um dos fundadores da Casa do Beco, diretor, roteirista e ator, Nil Cesar. Em sua entrevista, exploramos com mais profundidade os assuntos debatidos durante a pré-produção do trabalho. A entrevista foi também realizada na Casa do Beco e seguiu o mesmo padrão estético das entrevistas com Maurina Eugênia e Adegmar de Jesus.

Encerrando a produção, fomos à Casa do Beco no dia 3 de novembro de 2018 a fim de assinar com os participantes os termos de uso e concessão de imagem. Nessa oportunidade, também filmamos imagens de apoio do Morro do

Papagaio que auxiliaram na edição do documentário.

5. Considerações finais

Ao fim dessa experiência, concluímos que a representação não é uma verdade absoluta, ela sempre acontece a partir da visão de mundo de alguém ou de um grupo. Assim sendo, apesar de tentarmos mostrar a perspectiva de quem frequenta a Casa do Beco, esse documentário traz também aquilo que nós enxergamos ao conhecer o Morro do Papagaio.

Através desse documentário, desnudamos dos nossos próprios preconceitos e conhecemos diversas pessoas e histórias de superação e determinação que nos inspiraram grandemente tanto na produção fílmica, quanto na vida pessoal. Assim, entendemos a importância de um espaço que reivindique representatividade e, como jornalistas, vimos-nos no papel de dar voz a quem tem muito a dizer e busca ser ouvido. Enfim, entendemos nosso papel de mostrar essas questões que pulsam na sociedade e que precisam ser divulgadas para que outras pessoas também possam refletir e se despir de seus preconceitos.

Após pouco mais de um ano imersas nas histórias dos personagens, sentimos que ela agora faz parte de nós. Sempre nos lembraremos com carinho da atenciosidade do Roberth e Maisa, do comprometimento da professora Liliane, das conversas sonhadoras e contundentes do Nil e dos cafés com os artistas tão talentosos. Por fim, mesmo com o encerramento deste trabalho, buscaremos manter os laços criados com os sujeitos de nossa história.

6. Referências Bibliográficas

GOFFMAN, Erving. **A Representação Do Eu Na Vida Cotidiana**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1985

GUTFREIND, Cristiane. **O Filme E A Representação Do Real**. Disponível na revista “E-Compós”, edição n.06, 2006

HALL, Stuart, O Espetáculo do Outro, in: **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Ed: PUC Rio, 2016

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001

JOGO de Cena. Direção: Eduardo Coutinho. Fotografia Jacques Cheuiche, VideoFilmes, 2007. 1 DVD (105 minutos)

LIBÂNIO, Clarice. **Grupo do Beco e Casa do Beco, 20 anos de trajetória artística e comunitária**. Belo Horizonte: Ed. Favela É Isso Aí, 2016

LIBÂNIO, Clarice. **Arte, Cultura e Transformação nas vilas e favelas: Um olhar a partir do Grupo do Beco**. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/favelaeissoai/dissertao-grupo-do-beco>> Acesso em: 30 de outubro de 2018

LINS, Consuelo e MESQUITA, Cláudia. **Filmar o Real - Sobre o Documentário Brasileiro Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2008

NICHOLS, Bill. Que Tipos de Documentários Existem?, in: **Introdução ao Documentário**. Campinas: Ed. Papiros Editora, 2005

PUCCINI, Sérgio. Introdução ao Roteiro de Documentário, in: **Roteiro de Documentário: Da Pré-produção à Pós-produção**. Campinas: Ed. Papiros

Editora, 2009

SITE CASA DO BECO. **Um ponto de Cultura dedicado à transformação do indivíduo através da arte.** Disponível em: <<http://www.casadobeco.org.br/institucional/>> Acesso em: 30 de outubro de 2018

SOUZA, Jessé. **A Cegueira Do Debate Brasileiro Sobre As Classes Sociais.** Disponível em: <<http://www.bresserpereira.org.br/terceiros/2014/outubro/14.10-Cegueira-Classes-Sociais.pdf>> Acesso em: 30 de outubro de 2018

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórico conceitual, In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.), **Identidade e Diferença**: perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Ed. Vozes, 2011 (p. 7-72)

7. Apêndices

Link para acessar o vídeo do documentário: <https://youtu.be/vhCz6flnS80>

Os termos de direito de imagem e som foram assinados por todos que participaram do documentário. Para preservar os dados pessoais dos participantes, os arquivos não serão disponibilizados no memorial.

7.1 Projeto

Assunto: de que forma a representação ocorre na Casa do Beco

Realização: novembro de 2017

Produção: Ingrid Mitsue Yasumoto e Jasmine Jacyara Gonçalves

Objetivo e enfoque: entender as diferentes formas de representação que se dão na Casa do Beco através do teatro

Síntese: No teatro da Instituição, além das pesquisas elaboradas na comunidade, os atores, por hora, relatam suas histórias anteriormente e, a partir disso, ajudam a construir peças teatrais, as quais contam as suas vivências no Morro do Papagaio. Ademais, o objetivo da Casa é quebrar os estigmas enfrentados e, a partir do próprio ponto de vista, construir sua forma singular de representação.

Sugestões de imagens: ensaios, organização, entrevistas e imagens de apoio na Casa do Beco, teatro exteriores e Morro do Papagaio.

7.2 Argumento:

O documentário *Re(a)presentação* traz como personagens principais atores que compõem a Casa do Beco, tendo suas experiências entrelaçadas pela entrevista com o fundador e diretor, Nil Cesar. Assim a produção aborda temas como: construção de identidade, estereótipos e representação. Todas essas vivências são vistas a partir da perspectiva do Morro do Papagaio entre 2017 e 2018, mostrando também recortes do passado e a visão de mundo das documentaristas.

Como evento principal, o documentário traz todo o processo de peças teatrais, desde o montar do palco até os aplausos finais do público. Assim sendo, como forma de fundamentar o tratamento, mesclamos também espetáculos com entrevistas feitas na Casa, dessa forma, os relatos de vida dos personagens podem ser identificados no palco. Além disso, procuramos fazer com que os próprios participantes demonstrassem os estigmas enfrentados pelos moradores de favela e relatassem quais aparatos usam para desmistificá-los.

À vista disso, identificamos que as atividades ocorridas na Casa do Beco trazem para eles e para a sociedade que vive nos arredores uma oportunidade de se entenderem como coletivo e colocarem em discussão questões sociais, fortalecendo o processo de construção da própria identidade.

7.3 Marcações, briefing e sugestões de perguntas:

Marcações:

Data: 07 de agosto de 2017

Horário: 14:00

Local: sede da Casa do Beco - Belo Horizonte

Objetivo: visita de campo e entrevistas

Data: 08 de dezembro de 2017

Horário: 16:00

Local: Praça da Estação - Belo Horizonte

Objetivo: filmagem de peça teatral *O Morro do Pássaro Falante*

Data: 18 de julho de 2018

Horário: 16:00

Local: sede da Casa do Beco - Belo Horizonte

Objetivo: Reunião com Roberth Michael para saber a agenda da Casa e concessão das filmagens da peça *Bendita a Voz Entre as Mulheres*

Data: 30 de julho de 2018

Horário: 14:00

Local: sede da Casa do Beco - Belo Horizonte

Objetivo: filmagem do ensaio do grupo Entre Elas, roda de conversa e entrevista com Adegmar de Jesus e Maurina Eugênia.

Data: 13 de setembro de 2018

Horário: 20:00

Local: sede da Casa do Beco - Belo Horizonte

Objetivo: filmagem de peça teatral *Mãe Raízes do Morro*

Data: 30 de setembro de 2018

Horário: 14:00

Local: sede da Casa do Beco - Belo Horizonte

Objetivo: filmagem de entrevista com Nil Cesar

Data: 03 de novembro de 2018

Horário: 11:00

Local: Morro do Papagaio - Belo Horizonte

Objetivo: assinar os termos de concessão de imagem com os participantes e filmar imagens de apoio do aglomerado.

Briefing:

Espectáculo: *Bendita a Voz Entre as Mulheres*

Sinopse: O espetáculo conta a saga de uma mulher negra, pobre e com um sonho: ser cantora. No palco, a personagem sofre com os estigmas de ser moradora de favela, com o preconceito racial e violência. Contudo, é também retrato de como a força do sonhar leva a felicidade

Espectáculo: *O Morro do Pássaro Falante*

Sinopse: A peça relata a história de um grupo de crianças que ensaiam uma apresentação teatral, propondo aos adultos que questionem a intolerância na solução de conflitos.

Espectáculo: *Mãe Raízes do Morro*

Sinopse: O espetáculo traz questionamentos a respeito de como educar os filhos em um espaço emblemático, como a favela. Dessa forma, ele traz lembranças e histórias das mulheres moradoras do Morro e suas conquistas perante uma sociedade cheia de estigmas.

Espectáculo: *Quando Eu Vim Para Um Belo Horizonte*

Sinopse: O espetáculo retrata as memórias da infância de algumas mulheres, vivida em cidades do interior de Minas Gerais, em meio às brincadeiras com bonecas de pano, petecas de bananeira, cantigas de roda, bolas de meia, mas também ao trabalho infantil, igualmente presente em suas lembranças.

Espectáculo: *Quem Faz o Lugar?*

Sinopse: A apresentação discute as diferentes formas de discriminação social, retratando a vida dos moradores de um condomínio popular de Ribeirão das Neves - Minas Gerais. O espetáculo narra a história de um residencial, chamado Prediolândia, que tem sua rotina de convivências sendo interrompida pela visita de um estranho que, acidentalmente, aparece no local. Que, sem nenhum cuidado, demonstra preconceito social com as pessoas que lá vivem. Ao invés de confrontar, discutir e revidar a agressão, a comunidade opta por acolhê-lo, conscientizando-o sobre a importância de rever seus preconceitos e a necessidade de uma boa convivência e respeito aos diferentes.

Sugestão de perguntas:

Entrevista com fontes administrativas e de comunicação:

- Maisa da Silva - administração
- Roberth Michael - comunicação social

Questionamentos:

- 1- De que forma são feitas as pesquisas e seleção de temas para as peças teatrais?
- 2- De que forma são selecionados os atores?
- 3- Vocês enxergam a Casa do Beco com um espaço de representação?
- 4- De que forma?
- 5- Qual o principal objetivo da Casa do Beco?
- 6- De acordo com a descrição do *Facebook*, a Casa do Beco busca discutir sobre estereótipos. De que forma isso é feito?
- 7- Quais são os projetos para 2018?
- 8- Quais projetos focam em representação?
- 9- Qual público alvo das atrações?

- Nil César - fundador da Instituição

- 1- Como surgiu a ideia de criar a Casa do Beco?
- 2- Quais são as atividades desenvolvidas nela?
- 3- Como é o processo de pesquisa para criação de uma peça?
- 4- Para você, a Casa do Beco é um espaço de representação?
- 5- Você acredita que a maneira com que o morador de favela é representado nas mídias é diferente da proposta de representação da Casa do Beco? Qual a diferença?
- 6- Quais são os estereótipos acerca do morador de favela?
- 7- De que forma esses estereótipos são quebrados?
- 8- Você acredita que a Casa do Beco consegue mudar a forma como os moradores do Morro se enxergam?
- 9- Esse é o papel social da Casa?
- 10- Qual a importância de abrir para o público fazer perguntas ao final das peças?
- 11- Qual a importância de oferecer aos moradores do Morro do Papagaio a oportunidade de atuar ?
- 12- Qual a importância de apresentar as peças para os moradores do Morro do Papagaio? É diferente da importância de apresentar para pessoas de outros lugares?

Entrevista com as atrizes:

Questionamentos:

Perguntas gerais:

- 1- Todas vocês moram no Morro do Papagaio?
- 2- Há quanto tempo moram no Morro?

- 3- Há quanto tempo participa das atividades na Casa do Beco?
- 4- Quais peças já fizeram?
- 5- Como é o processo de construção dos personagens?
- 6- Vocês se identificam com as peças que fazem?
- 7- Quem já foi representado por um personagem em alguma peça?
- 8- Tem diferença em interpretar a própria história e a história do outro?

Perguntas para Adegmar de Jesus:

- 1- Você é de qual cidade?
- 2- Como chegou no Morro do Papagaio?
- 3- Como veio parar na Casa do Beco?
- 4- Como o teatro te ajudou a melhorar os problemas de saúde?
- 5- Como é contar sua história para outras pessoas através do teatro?
- 6- Por que você acha importante que as histórias que vocês mostram no teatro sejam sempre sobre o Morro do Papagaio?

Perguntas para Maria Eugênia:

- 1- Você é de qual cidade?
- 2- Como chegou no Morro do Papagaio?
- 3- Como veio parar na Casa do Beco?
- 4- Como é seu personagem na peça Mãe Raízes do Morro?
- 5- Você tem alguma relação com essa personagem na vida real?
- 6- Como foi lidar com esse acontecimento na vida real?
- 7- Como é contar sua história para outras pessoas através do teatro?
- 8- Por que você acha importante que as histórias que vocês mostram no teatro sejam sempre sobre o Morro do Papagaio?

Entrevista com o público:

- 1- É a primeira apresentação da Casa do Beco que você assistiu?
- 2- De alguma forma você se identificou com a peça?
- 3- A visão que você tinha do morador de favela é a mesma antes e depois de assistir a peça? O que mudou?



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

DECLARAÇÃO DA ORIENTADORA

Certifico que o trabalho de conclusão de curso intitulado “(Re)apresentação: uma perspectiva da Casa do Beco” de autoria das alunas Ingrid Mitsue Yasumoto e Jasmine Jacyara Gonçalves foi aprovado sem recomendações de alteração pela banca examinadora e que estou de acordo com a versão final do trabalho.

Mariana, 11 de janeiro de 2018.


Prof.ª Julia Lery Miranda